

## SANTO AGOSTINHO: O MESTRE E AS PALAVRAS

Danilo Henrique Ramos Santos<sup>1</sup>

José Joaquim Pereira Melo<sup>2</sup>

**Resumo:** A proposta deste trabalho é entender o papel da educação, tendo por referencial a teoria das Palavras de Agostinho de Hipona, e suas contribuições para a formação e/ou educação do homem cristão do seu tempo. Suas reflexões sobre o conhecimento, bem como do processo ensino-aprendizagem, levaram à conclusão que, para o homem chegar ao verdadeiro conhecimento e/ou saber, era fundamental o uso das palavras, condições precípuas para a realização da aquisição do verdadeiro conhecimento que, segundo Agostinho, se dava na interiorização do homem, requerendo afastamento de sua materialidade e de todos os apelos dos sentidos e do mundo exterior, para ir ao encontro da sua alma, onde se realiza a Iluminação Divina. O referencial que apontará os caminhos para a presente pesquisa será a reflexão agostiniana que traz por título: De Magistro, bem como uma bibliografia voltada à temática privilegiada.

**Palavras-chave:** Santo. Agostinho. Palavras. Educação.

**Abstract:** The purpose of this research is to understand the role of the education, having as reference the Words theory of Augustine of Hippo and his contributions to the formation and/or Cristian man's education at his time. His reflections about knowledge and about the teaching – learning process as well, leaded to the conclusion that for man to achieve the true knowledge, it was fundamental the use of the words, which are the preconditions for the achievement of true knowledge, according to Augustine, it was taken place in the interiorization of the man which required his distance from his materiality and all appeals of the senses and the outer world to meet his soul, where the Divine Enlightenment is realized. The referential that will point the way for this research will be the Augustinian reflections that brings by title: De Magistro, as well as a bibliography focused on the privileged theme.

**Keywords:** Saint. Augustine. Words. Education.

---

<sup>1</sup>Graduando em pedagogia pela Universidade Estadual de Maringá.

<sup>2</sup>Possui doutorado em História e Sociedade pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita (1998) e pós-doutorado em história da educação pela mesma Universidade (2007). Atualmente é professor associado da Universidade Estadual de Maringá.

## 1 INTRODUÇÃO

A escolha da teoria das palavras de Agostinho de Hipona justifica-se pelo conteúdo educativo de suas formulações, pois sua reflexão a respeito do processo de ensino-aprendizagem o coloca, de forma significativa, na formação do homem. Seu conceito de palavras não só possibilita uma reflexão da sua importância para o seu período histórico, mas também para as elaborações desses conceitos em outros tempos para além do seu.

Assim, Agostinho de Hipona concebe um conceito de palavras que contribuiu para a melhor compreensão e execução do processo formativo do homem cristão e, assim, atende as demandas do cristianismo do seu tempo.

O modo pelo qual ele reflete essa questão, bem como a compreensão e formulação desse conceito, expressa a vocação pedagógica contida em suas reflexões.

O pensamento agostiniano configurou-se em uma nova proposta ao elaborar os seus conceitos de Palavras, por extensão, uma prática de ensino-aprendizagem, fundamental para o cristianismo em seu processo de consolidação no fim do Mundo Antigo e início da Idade Média, sobretudo no momento em que essa religião assumiu o controle dos homens no ocaso do Império Romano.

Em linhas gerais, mostrou aos homens uma teoria que contribuiria para a formação do homem ideal (e/ou idealizada) cujo resultado, no seu pensar, levaria à formação desse homem idealizado para o cristianismo.

Para uma melhor compreensão dessa reflexão agostiniana, a teoria das Palavras, sentiu-se a necessidade de conhecer a condição histórica que possibilitou essa elaboração e a sua ação em favor da formação do homem, que se encontrava desorientado diante do processo de transformação social pelo qual passava a Europa. Nessa esteira, é importante conhecer um pouco a sua vida, pois é preciso levar em conta suas experiências para, dessa maneira, compreender melhor seu pensamento.

Em decorrência disso, recuperar alguns fatos relacionados a ela é particularmente significativo para se chegar ao entendimento da sua proposta pedagógica.

Nesta discussão, foi importante a reflexão de Santo Agostinho em *De Magistro*, onde se entende ser Deus o responsável pela compreensão das verdades inteligíveis, reflexão agostiniana que assumirá a condição de fonte que apontará os caminhos a serem trilhados no sentido de desvendar as questões levantadas neste projeto.

## **2 SANTO AGOSTINHO: EM CONSTITUIÇÃO DO CRISTÃO**

*Aurelius Augustinus*, o Santo Agostinho, nasceu em 13 de novembro de 354, em Tagaste, pequena cidade da atual Argélia. Na cidade natal, transcorreram sua infância e juventude, um ambiente limitado de um povoado perdido entre montanhas.

Agostinho foi filho de Patrício, homem pagão e de posses que, no final da vida, se converteu, e da cristã Mônica, uma mulher fervorosa que, durante décadas, lutou pela conversão de seu filho. Por meio de sua mãe, Agostinho de Hipona inicia seu processo de conversão ao cristianismo.

Agostinho iniciou seus estudos em Tagaste, tendo sido enviado para a escola a fim de aprender as primeiras letras. Entretanto, se demonstra descontente, pois não identificava a utilidade de seus estudos:

Ó Deus, meu Deus, de que sofrimentos e desilusões padeci, quando ao menino que eu era propunham que o ideal da vida era obedecer aos mestres para prosperar neste mundo, para granjear, com a arte da palavra, o prestígio dos homens e as falsas riquezas! Fui enviado à escola para aprender as primeiras letras. Para minha infelicidade, não entendi a utilidade desse trabalho; mas, se me mostrava preguiçoso, era castigado à vara (Confissões, 1999. p. 14).

Nesse período de sua vida, Agostinho dá Indicações da constituição da educação naquele momento. Nota-se o uso de castigos físicos aos alunos desinteressados, bem como a não demonstração das utilidades dos conteúdos ensinados, de acordo com a visão do pensador.

Com a intenção de se formar em retórica, aproximadamente aos 12 anos, foi estudar em Madauro, mas, por dificuldades financeiras, interrompe seus estudos e retorna à sua casa.

Aos 17 anos, Santo Agostinho vai estudar retórica em Catargo. É nessa cidade que, com a ajuda financeira de um amigo da família, Romaniano, ele consegue, aos 19 anos, concluir seu ciclo de estudos.

Foi em Catargo, aos 18 anos, que Santo Agostinho considerou ter iniciado sua conversão, após ter lido Hortênsio, de Cícero, livro que foi escrito em forma de diálogo, onde é exposto às dificuldades de Hortênsio com a filosofia.

Essa Leitura é apresentada por ele, em Confissões, como algo que lhe causou profunda mudança:

Devo dizer que ele mudou os meus sentimentos e o modo de me dirigir a ti; ele transformou as minhas aspirações e desejos. Repentinamente, pareceram-me desprezíveis todas as vãs esperanças. Eu passei a aspirar com todas as forças à imortalidade que vem da sabedoria (Confissões, 1999. p. 7).

Com isso, a filosofia desperta na alma de Agostinho o “amor à sabedoria”. Entretanto, não foi na filosofia que Agostinho encontrou Cristo e a fé cristã (AGOSTINHO, 1999.)

Entre os 19 e 28 anos de idade, ocorreram várias mudanças em sua vida. Uma delas foi o falecimento de seu pai. Após essa perda, ele vê a necessidade de exercer uma profissão, pois toma para si uma responsabilidade perante a família. Assumiu, então, o magistério. Exerceu essa profissão em Tagaste, Catargo, Roma e Milão.

Foi nesse período que Santo Agostinho teve um filho chamado Adeodato. A mãe deste, ele nunca revelou sequer o nome, mantendo com ela um relacionamento por vários anos.

Santo Agostinho foi professor em Tagaste entre os anos de 373 e 374. Sua ida de Tagaste a Cartago aconteceu em função da morte de um amigo, a qual lhe causou profunda tristeza, de modo que quis se afastar da cidade que lhe trazia recordações (SOUZA,2013, p. 37)

Em 383, Agostinho muda-se para Roma e começa a atuar como professor de retórica. Após isso, ele percebe que Roma, assim como Cartago, apresentava problemas educacionais, principalmente em relação aos estudantes (MARROU, 1974).

Em 384, Agostinho foi ser professor em Milão, local que foi decisivo para a conversão do futuro bispo de Hipona. Lá, ele se deparou com um ambiente

cultural novo e estimulante, um lugar em que se cultivava a retórica e a filosofia neoplatônica (MORESCHINI E NORELLI, 2000).

Agostinho foi adepto ao Maniqueísmo<sup>3</sup> antes da sua conversão ao cristianismo, tendo seguido essa doutrina durante, aproximadamente, 9 anos da sua vida. Ele acreditava que, ao se voltar para o maniqueísmo, encontraria as respostas das suas indagações.

Diante das suas dúvidas, Agostinho teve um encontro com Fausto, uma das autoridades do maniqueísmo daquele período, para achar as respostas que procurava. Entretanto, o futuro bispo de Hipona se frustrou, pois o líder maniqueísta não conseguiu resolver suas dificuldades: “[...] apresentei-lhe meus problemas para exame e discussão, e ele modestamente não teve a coragem de assumir a responsabilidade de uma demonstração. Reconhecia a própria ignorância e não se envergonhava de confessá-la” (Confissões, 1999. p. 12).

Após esse encontro, Agostinho percebe que essa doutrina não tinha condições de lhe dar as respostas que procurava e começa a se distanciar dela.

Apagado assim meu entusiasmo pelas obras maniqueístas, e nada podendo esperar de outros mestres, já que o de maior fama se revelara tão incompetente diante dos problemas que me angustiavam, resolvi manter com ele relações baseadas apenas no grande interesse que mantinha pela literatura, que eu, como professor de retórica, ensinava aos jovens de Cartago. [...] Quanto ao mais, o ardor que eu tivera em progredir na seita que abraçara, arrefeceu completamente logo que conheci esse homem, mas não a ponto de desligar-me radicalmente dos maniqueístas. Com efeito, não encontrando solução melhor, decidira contentar-me temporariamente com ela, até encontrar algo mais claro que merecesse ser abraçado (Confissões, 1999. p. 13).

Agostinho, apesar do distanciamento dessa doutrina, não se afastou completamente do maniqueísmo, pois partia do dualismo para entender os conflitos entre o bem e o mal que lhe angustiavam.

---

<sup>3</sup>Religião herética fundada por Mani - reformador persa que viveu entre os anos 216 e 277 - no século III na Pérsia, que explicava o paradoxo e a desordem do mundo recorrendo aos seus dois princípios antagônicos: duas naturezas e substâncias, a do bem e a do mal, com uma doutrina de salvação ao nível racional. Implicava: racionalismo, materialismo, dualismo radical na concepção do bem e do mal, como princípios morais, ontológicos e cósmicos. Cristo, para os maniqueístas, foi revestido de carne aparente, sua morte e ressurreição eram também aparentes. A promessa do Espírito Santo se realizou em Mani. O Antigo Testamento era rejeitado, pois Moisés, como um dos príncipes das trevas, não foi inspirado por Deus. O pecado original não foi atribuído ao livre-arbítrio, mas ao princípio universal do mal que habitou nos homens (Santos e Pina, 1999).

Nesse seu processo de distanciamento do maniqueísmo, destaca-se Santo Ambrósio, homem com notória intelectualidade, que atrai Agostinho com suas pregações:

Chegando a Milão, fui visitar o bispo Ambrósio, conhecido pelas suas qualidades em toda a terra e vosso piedoso servidor, cuja eloquência zelosamente servia ao vosso povo “a fina flor do vosso trigo, a alegria do azeite de oliveira e a sóbria embriaguez do vinho” (AGOSTINHO, 1999: p.140).

Agostinho e Santo Ambrósio oportunizaram alguns embates retóricos, no qual Ambrósio sempre se sobressaia. Santo Ambrósio foi um grande escritor, mas, segundo alguns de seus biógrafos, ele se destacou mais como orador, pois ele tinha domínio sobre o seu público. (HAMMAN, 1990).

Santo Agostinho ficava admirado com a retórica de Santo Ambrósio que, aos poucos, com sua oratória evangelizadora, semeou a fé católica no espírito do futuro bispo de Hipona, persuadindo-o a se deleitar no seio da Igreja:

Contudo, junto com as palavras que me deleitavam, iam-se também infiltrando no meu espírito os ensinamentos que desprezava. Já os não podia discernir uns dos outros. Enquanto abria o coração para receber as palavras eloquentes, entravam também de mistura, pouco a pouco, as verdades que ele pregava. Logo comecei a notar que estas se podiam defender. Já não julgava temerárias as afirmações da fé católica que eu supunha nada poder retorquir contra os ataques dos maniqueus (AGOSTINHO, 1999, p. 141).

Agostinho, nesse momento, ainda não havia decidido assumir, de forma imediata, o caminho da fé cristã, mas seu futuro, fora do maniqueísmo, era conduzido, pela boca de Santo Ambrósio, a novos caminhos.

Apesar de Ambrósio ter grande influência na conversão de Santo Agostinho, o mesmo atribui esse feito a Deus:

Vós me leváveis a Ambrósio, sem eu o saber, para ser por ele conscientemente levado a Vós. Este homem de Deus recebeu-me paternalmente e apreciou a minha vida bastante episcopalmente. Comecei a amá-lo, em princípio não como mestre da Verdade - pois jamais esperava encontrá-lo na vossa Igreja -, mas como um homem benigno para mim (AGOSTINHO, 1999, p. 140).

Segundo Gilson (1998), os encontros entre Ambrósio e Agostinho permitiram que Agostinho adotasse a filosofia neoplatônica, filosofia que o mesmo já conhecia desde a sua formação em retórica.

Antes de adotá-la, Agostinho acreditava nos conceitos e nas especulações maniqueístas, considerando dois princípios dessa seita: o bem e o mal, definindo o mal com uma substância:

Daqui deduzia eu a existência de uma certa substância do mal que tinha a sua massa feia e disforme - ou fosse grosseira como a que chamam terra ou tênue e sutil como o ar -, a qual eu julgava ser o espírito maligno investindo na terra. (...) Com efeito, o mal aparecia à minha ignorância não só como substância, mas como substância corpórea, já que a minha mente não podia formular a ideia de um corpo sutil, difundido pelo espaço (AGOSTINHO, 1999, p. 137-138).

Agostinho assimila o neoplatonismo e o cristianismo, conseguindo obter respostas dessas dificuldades ontológico-metafísicas, principalmente no que se refere à concepção do incorpóreo à realidade do imaterial. Com isso, ele passou a entender que o mal não mais como substância, mas sim como uma privação, definindo como “o menos ser”:

A defectibilidade da alma vem de seus atos e da pena que padece pelas dificuldades - consequência dessa defectibilidade. Todo o mal reduz-se a isso. Ora, o agir ou o padecer não são substâncias. Portanto, a substância não é um mal.[...] Por exemplo, [...] se alguém, repentinamente, fixasse de frente ao sol de meio-dia, seus olhos feridos pelos raios se ofuscariam. Serão por acaso maus, por isso, o sol ou os olhos? De modo algum, porque eles são substâncias. O mal está em mirar imprudentemente e no incômodo que se segue. Esse desaparecerá, porém, depois de os olhos terem descansado e se dirigido a uma luz conveniente (Agostinho, 1992, p. 70-71).

Após a sua conversão ao cristianismo, Agostinho considerava os textos tidos como sagrados para os cristãos infinitamente melhores que os livros platônicos. Anteriormente, o mesmo acreditava que esses eram simples. Foi nos textos sagrados que ele encontrou respostas fundamentais sobre a existência de um só Deus.

Santo Agostinho consolidou a sua conversão a partir da leitura das Epístolas de São Paulo. Segundo ele, a filosofia o ajudou a esclarecer muitas

dúvidas; entretanto, o sentido da fé, ou seja, “a verdade”, não encontrou nos filósofos, porque Deus manteve isso oculto, revelando apenas aos humildes:

Ora, isto não o dizem os livros platônicos. Suas páginas não encerram a fisionomia daquela piedade, nem as lágrimas da compunção, nem “o vosso sacrifício nem o espírito compungido, nem o coração contrito e humilhado” (Sl 50,19), nem a salvação do povo, nem a cidade desposada (Ap 21,2), nem o penhor do Espírito Santo, nem o cálice do nosso resgate (2 Cor 5,5). [...] Nos livros platônicos ninguém ouve Aquele que exclama: “Vinde a Mim, vós, os que trabalhais” (Mt 11,28). Desdenham em aprender d’Ele, que é manso e humilde de coração. “Escondestes estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelastes aos humildes” (Mt 11,25) (AGOSTINHO, 1999, p. 196-197).

A aceitação dessa “verdade” não dependia da fé, pois, para Agostinho, só por meio de Cristo se alcançaria o êxito completo, encontrando isso em Paulo:

Uma coisa é ver de um píncaro arborizado a pátria da paz e não encontrar o caminho para ela, gastando esforços vãos por vias inacessíveis, entre os ataques e insídias dos desertores fugitivos [...]; e outra coisa é alcançar o caminho que para lá conduz, defendido pelos cuidados do general celeste, onde os que desertaram da milícia do paraíso não podem roubar, pois o evitam como um suplício (AGOSTINHO, 1999, p. 197).

Nesse período da sua conversão, entre 386 e 387, Agostinho já anunciava essas “verdades”; apesar disso, o seu convertimento moral e comportamental encontrou-se motivada nos princípios de São Paulo.

Após esses acontecimentos, Agostinho se despojou do mundo pagão, passando a se dedicar à purificação de seus costumes, afastando-se do que, naquele momento, entendia como mundano e pecaminoso. (PEREIRA MELO, 2010).

Com isso, Agostinho se lamenta de ter encontrado tarde o seu maior bem:

Tarde Vos amei, ó Beleza tão antiga e tão nova, tarde Vos amei! Eis que habitáveis dentro de mim, e eu lá fora a procurar-Vos! Disforme, lançava-me sobre estas formosuras que criastes. Estáveis comigo, e eu não estava convosco! Retinha-me longe de Vós aquilo que não existiria se não existisse em Vós. Porém, chamaste-me com uma voz tão forte que rompestes a minha surdez! Brillhastes, cintilastes e logo afugentastes a minha cegueira! Exalastes perfume: respirei-o, suspirando por Vós. Saboreei-Vos, e agora tenho

fome de Ti, de Ti tenho sede. Tocaste-me e ardi no desejo da vossa paz (AGOSTINHO 1999, p. 285)

O Cristianismo, de fato, transformou a vida de Santo Agostinho, que encontrou nele a ascese como estrutura do mundo de viver, usando os bens do mundo, mas não gozando deles.

Agostinho retorna para sua cidade natal em 388, Tagaste, onde, junto com seus amigos, vende suas propriedades e inicia uma vida de pobreza, oração e estudo. Intitulam-se como “servos de Deus”, e permanecem naquela sociedade de 388 a 391.

Ainda em 391, em uma viagem a Hipona, em uma assembleia, o bispo da cidade, Valério, aproveitando-se da presença de Agostinho, anunciou a necessidade do auxílio de um novo presbítero. O povo, em concordância com o seu bispo, levou Agostinho a ser ordenado sacerdote no ano de 391 (MORESCHINI e NORELLI, 2000)

Com os compromissos eclesiais, teve de pregar e resolver problemas considerados “banais”, ao contrário da sua dedicação anterior, voltadas à escrita. O novo compromisso exigia um aprofundamento dos conhecimentos da Bíblia, assim como das questões pastorais, o que redirecionou sua vida, voltando sua pesquisa e meditação à Sagrada Escritura e à Tradição. O poder de sua ação no cristianismo levou-o à sua consagração, em 395, a bispo de Hipona (PIRATELI, 2003).

Agostinho morreu em 28 de agosto de 430, na cidade de Hipona, cidade em que foi bispo por mais de 30 anos, deixando vários livros escritos, os quais foram produzidos paralelamente as outras atividades, deixando vivo o seu legado.

Sua obra é de caráter filosófico e teológico, sendo possível constatar nela a temática pedagógica: “Na sua grandiosa síntese de pensamento repleta de conflitos, mas também de perspectivas novas e ousadas, que fizeram dele ‘o mestre do cristianismo ocidental’, a pedagogia tem uma presença realmente central” (CAMBI, 1999, p. 136).

Havia o interesse de Agostinho em elaborar reflexões que auxiliassem os homens a entender a doutrina cristã e seus conceitos fundamentais, bem como explicar aspectos daquela sociedade na perspectiva da igreja. Ele propôs uma

caminhada educativa ao homem do seu tempo a partir dessa apresentação da doutrina do cristianismo.

### **3. O MESTRE E AS PALAVRAS**

Ao considerar o papel da educação como um afastamento de bens materiais e de busca pela verdade, Agostinho de Hipona considera o papel do homem e de Deus nesse processo. Isso porque o homem só consegue orientar sua vontade para seu interior com o auxílio de Deus, ou seja, com Sua graça, pois é ela que lhe permite purificar-se e regenerar-se. Com esse pensamento, buscamos compreender quem é o responsável pela instrução dos homens, e qual meio utilizado para essa instrução.

#### **3.1 O USO DAS PALAVRAS**

Santo Agostinho, em sua proposta formativa, acredita que, graças à intervenção divina, a mente do homem tem a verdade eterna em si. Para ele, Deus é o verdadeiro mestre, aquele que ensina e possibilita o homem chegar à verdade interior. Esse processo tem por fim uma formação a qual desenvolva o homem, de modo que este complete seu modo de ser, ciente de ser Deus quem guia esse processo (PEREIRA MELO, 2010). Deus era quem levava o homem para chegar à verdade, o processo educativo, por meio da iluminação, mesmo que este esteja afastado Dele (SCIACCA, 1966). Isso significa que, mesmo não vivendo as verdades superiores ou não assumindo uma caminhada cristã, Deus está presente perto de si, por meio da Sua graça.

Assim, Deus é o agente principal da educação cristã, pois, sem Ele, ela não se realiza. Nessa dinâmica formativa, o homem tem um papel secundário, pois quem orienta as suas práticas é a graça divina (PEREIRA MELO, 2010). Isso nos leva a entender que tudo que o homem realiza para o seu aperfeiçoamento, é guiada por Deus.

O homem aprende à medida que se aproxima de Deus, consultando o conhecimento que é possibilitado por ele:

Sobre as muitas coisas que entendemos, consultamos não aquelas cujas palavras soam no exterior, mas a verdade que interiormente preside à própria mente, movidos talvez pelas palavras para que as consultemos. E quem é consultado ensina, o qual é Cristo que, como se diz, habita no homem interior, isto é, a virtude incomutável de Deus e a eterna Sabedoria, que toda alma racional consulta, mas que se revela a cada alma o quanto esta possa abranger em função da sua própria boa ou má vontade (Mestre, XI, 38).

Portanto, o homem deve buscar a sabedoria da sua alma, assumindo uma postura que lhe permita entender as coisas através da sua alma. Para isso, o homem deve se voltar inteiramente a Deus.

Crê constantemente em Deus e entrega-te inteiramente a ele, quanto te seja possível. Não queiras ser como autônomo na tua capacidade, mas declara-te servidor do clementíssimo e generosíssimo Senhor, de modo que ele não cesse de erguer-te até ele e não permita que nada te ocorra a não ser o que seja útil para ti, mesmo que não saibas (Solilóquios, I, 15, 29).

O homem não deve buscar em si mesmo, mas procurar ajuda de outros homens, nos sentidos e nos bens materiais para chegar à felicidade no seu interior, os bens maiores. Com isso, os mestres são entendidos facilitadores do processo formativo.

[...] que a ninguém chamemos de mestre na terra, porque o único mestre de todos está nos céus. Mas o que haja nos céus no-lo ensinará aquele que interiormente nos admoesta com sinais por intermédio dos homens para que, voltando para ele no interior, sejamos instruídos (O Mestre, XIV, 46).

Nesse sentido, o mestre terreno tem a função de utilizar os sinais exteriores para que o homem volte-se para sua interioridade, na qual vai ser conduzido pelo Mestre interior, o verdadeiro mestre.

As palavras dos mestres são advertências, sendo Jesus Cristo o único Mestre da Verdade, de acordo com Santo Agostinho (NUNES, 1978). Essas palavras são o caminho que leva o homem a visualizar no seu interior o conhecimento revelado por Deus.

Porém, quando se trata das coisas que percebemos com a mente, isto é, pelo intelecto e pela razão, falamos daquelas coisas que enxergamos estarem presentes naquela luz interior da verdade, pela qual é iluminado e da qual goza o que se diz do homem interior; então, também aquele que nos ouve, pela sua própria

contemplação conhece o que digo, não por minhas palavras, se ele próprio vê as coisas interiormente e com olhos simples. Portanto, nem sequer a este, que vê coisas verdadeiras, estou ensinando ao dizer-lhe coisas verdadeiras, porque ele é instruído não por meio de minhas palavras, mas mediante as próprias coisas que lhe ficam claras sendo Deus que lhas revela interiormente; pelo que ele poderia responder se fosse interrogado a respeito dessas coisas (O Mestre, XII, 40).

Nessa relação, identifica-se uma hierarquia: Deus possibilita o conhecimento ao homem; o mestre terreno auxilia o homem a chegar a esse conhecimento; e o homem precisa esforçar-se para visualizar a verdade em seu interior.

### **3.2 MESTRES TERRENOS: A UTILIZAÇÃO DAS PALAVRAS**

É importante ressaltar a importância das palavras no processo formativo, pois, na teoria de Santo Agostinho, a palavra é o principal recurso utilizado pelos mestres terrenos, pois é por meio dela que se realiza a aprendizagem.

E compreendi mais tarde como aprendi a falar: não eram os adultos que me ensinavam as palavras segundo um método preciso [...] era eu por mim mesmo, graças à inteligência que tu, Senhor, me deste, era eu que procurava, através de gemidos, gritos diversos e gestos vários, manifestar os sentimentos do coração, para que fizessem minhas vontades (Confissões, 1999. p. 13).

Para Agostinho de Hipona, as palavras possuíam sinais que tinham algum significado para os homens: “Pois, em geral, dizemos sinais para todas as coisas que significam algo, entre as quais se encontram também os verbos” (O Mestre, IV, 9).

Agostinho ainda aponta que existem, além das palavras, os tipos de sinais, como os gestos, que podem indicar uma ação.

A partir de sua concepção de palavra, Agostinho questiona, em seu livro *O Mestre*, o motivo das pessoas as utilizarem:

Agostinho: [...] Pois desejo saber de ti se há alguma outra razão por que perguntas senão para ensinar o que desejas àquele a quem pergunta?

Adeodato: É verdade.

Ag: Nota, portanto, que com a linguagem não desejamos outra coisa senão ensinar.

Ad: [...] E como o fazemos com frequência estando sozinhos, sem que alguém esteja presente para aprender, não acho que queiramos ensinar algo.

Ag: Entretanto, creio que há certa maneira, realmente importante de ensino por meio da recordação [...] Mas já de início ponho duas razões do falar: ou para ensinar ou para suscitar recordações nos outros ou em nós mesmos [...] (O Mestre, I, 1).

Ele considera que é função das palavras ensinar ou recordar alguém de alguma coisa ou, até mesmo, recordar o próprio homem de alguma coisa, quando tiver a ausência de um interlocutor.

[...] mesmo sem emitir som algum, falamos em nosso interior ao pensarmos as próprias palavras. Assim, com a linguagem nada mais fazemos do que recordar, uma vez que a memória, na qual estão gravadas as palavras, revolvendo-as faz com que venham à mente as próprias coisas das quais as palavras são sinais (O Mestre, I, 2).

Para Agostinho, o motivo do uso das palavras é muito mais importante que a palavra em si. Aponta que a palavra é fundamental no processo educativo, pois ela permite a comunicação entre o mestre e o discípulo no processo de ensino-aprendizagem.

O pensador acredita que as palavras, ao serem utilizadas pelo mestre com o objetivo de ensinar algo ao seu discípulo, eram mais importantes quando utilizadas em conversas sem objetivos de ensinar.

[...] certamente percebes quanto as palavras devem ser tidas em menor importância que aquilo pelo qual as usamos; o próprio uso das palavras deve ter preferência em relação às palavras, pois elas existem para que as usemos e as usamos para ensinar (O Mestre, IX, 26).

O mesmo acredita que para um melhor ensino, o mestre precisa fazer uso das suas palavras, preocupando-se apenas em dar a possibilidade ao homem de chegar até a verdade. Agostinho usa esse argumento para combater o medo que o mestre sente quando, ao invés de falar aos discípulos, acha proveitoso ler ou refletir em casa.

Preferimos ler ou ouvir preleções já prontas e melhores e por isso aborrece-nos improvisar, com resultado incerto, o que dizemos [...] Nós mesmos, ao rever os nossos comentários, discordamos sempre de alguns pontos e não sabemos como foram entendidos quando os proferimos (A Instrução dos Catecúmenos, I, 11, 16).

Afirma que isso demonstra limitações nas palavras dos mestres, levando-os a temerem que seus discípulos as desprezem.

Se algo em nossas palavras ferir o ouvinte, o próprio fato deve ensinar-lhe até que ponto se podem desprezar os sons menos corretos ou menos apropriados; se a verdade for apreendida, realmente, as palavras soam apenas para que a coisa seja entendida (A Instrução dos Catecúmenos, I, 11, 16).

Ele aponta as possibilidades de ensinar algumas coisas na utilização do sinal. O mesmo questiona se há alguma coisa que possa ser ensinada sem utilizar sinais.

E considerarmos tudo isso com maior cuidado, talvez não encontres nada que se aprende por intermédio de seus sinais. Quando um sinal me é apresentado e eu ainda não saiba de que coisa ele é sinal, ele nada pode ensinar-me; mas se já o sei, o que aprendo por meio do sinal? (O Mestre, X, 33).

Por isso, não podemos aprender somente por meio dos significados das palavras, pois as palavras só são entendidas quando conhecemos a que elas se referem.

Quando o homem não conhece a que a palavra se refere, ele não a relaciona com um sinal, mas apenas como um som que não tem significado, passando a ter significado se visualizar o objeto a que se refere.

Mas antes de descobrir isto, essa palavra era para mim apenas um som; aprendi que ela era um sinal quando descobri de que coisa ela era sinal; e esta coisa certamente fiquei sabendo, como disse, não pelo significado, mas porque a vi. Portanto, uma vez conhecida a coisa, mas se aprende o sinal que a coisa depois de ser dado o sinal.

[...] como no sinal existem duas coisas, o som e o significado, certamente não percebemos o som pelo sinal, mas pelo fato de ter soado ao ouvido, ao passo que percebemos o significado ao ver a coisa que é significada (O Mestre, X, 34).

Identifica-se, então, o valor limitado das palavras na teoria agostiniana, visto que elas não podem apresentar ao homem as coisas para que sejam conhecidas.

Até aqui as palavras contribuíram com sua força, as quais, apesar de lhes atribuirmos muito valor, apenas nos incitam a procurar os objetos, porém não os mostram para que os conheçamos. [...] Portanto, com as palavras não aprendemos senão as palavras, ou melhor, o som e o ruído das palavras [...] Portanto, conhecendo-se

as coisas, completa-se também o conhecimento das palavras; ao passo que, em se ouvindo as palavras, não se aprendem sequer as palavras (O Mestre, XI, 36).

Essa limitação pode deixar o mestre enfadado, atrapalhando no processo instrutivo. O motivo seria pelo fato de, segundo Agostinho, o mestre não conseguir fazer o discípulo entender aquilo que está claro em sua alma:

Entendíamo-nos, como afirmei, porque nos encanta o que em silêncio vemos claramente com o nosso espírito e não queremos ser afastados para o ruído muito diferente das palavras. [...] Aborrece-nos harmonizar, para a sensibilidade alheia, palavras improvisadas, sem saber se correspondem exatamente às ideias ou se são recebidas com proveito (A Instrução dos Catecúmenos, I, 10, 14).

Agostinho acredita que o mestre deve se igualar ao seu discípulo para que ele entenda o que está sendo falado e, com isso, resolver esse problema.

Se nos entristece o fato de que o ouvinte não nos acompanha e somos obrigados a descer, de alguma forma, das alturas do pensamento [...] Se realmente o espírito se regozija nos santuários puríssimos, também se encanta em compreender o amor, quanto mais solícitamente desce às verdades mais simples, tanto mais firme volta às mais profundas (A Instrução dos Catecúmenos, I, 10, 15).

Segundo Nunes, o enfardo do mestre pode ser percebido quando o discípulo permanece imóvel diante da instrução que é realizada. Essa inércia pode ser causada por diversos motivos que levam o homem a demonstrar fisicamente seja seu cansaço, temor, respeito ou falta de compreensão.

É realmente difícil continuar falando até o fim proposto, quando não vemos comover-se o ouvinte! Constrangido pelo temor da religião, ou contido pelo respeito humano, receia talvez demonstrar, pela voz ou por qualquer movimento do corpo, a sua aprovação. Ou não entende – ou despreza! – o que se lhe diz (A Instrução dos Catecúmenos, I, 13, 18).

Tentando resolver essas situações, Santo Agostinho sugere que o mestre anime seu discípulo para a instrução, através de suas palavras: “Seu espírito é indistinto para nós e não podemos examiná-lo; devemos, pois, tudo tentar pela palavra: tudo o que possa despertá-lo e como que arrancá-lo do seu refúgio” (A Instrução dos Catecúmenos, I, 13, 18).

Nesse sentido, as palavras podem estimular o homem a buscar o conhecimento ou relembrá-lo daquilo que já conhece.

Sem dúvida, é muito verdadeira a consideração e com muita razão se diz que, quando se pronunciam palavras, ou sabemos o que significam, ou não o sabemos. Se sabemos, ouvindo as palavras, recordamos mais do que aprendemos; se não o sabemos, sequer recordamos, mas, talvez, somos estimulados a procurar saber o que significam (O Mestre, XI, 36).

Em Santo Agostinho, o aprendizado vem por meio das coisas que são apresentadas e não pelas palavras em si. Quando a pessoa não vê aquilo que se fala, ela pode ou não acreditar; já quando ela vê aquilo que foi dito, ela aprende, por meio do que atingiu seus sentidos.

Nesse processo, os mestres não são os responsáveis pelo aprendizado dos discípulos, apenas intermediam o acesso do homem na busca da verdade interior. Dessa forma, seu papel é limitado, pois eles não disponibilizam o conhecimento a ser ensinado.

Agostinho destaca que podia acontecer de surgirem pessoas que tentassem confundir os homens por meios das palavras e, que, embora o mestre possuísse conhecimento em seu interior, ele poderia não conseguir se expressar por meios das palavras: “Portanto, já não resta às palavras nem sequer que, pelo menos, por elas seja manifestado o pensamento de quem fala, pois é incerto se ele sabe o que diz” (O Mestre, XIII, 42).

Segundo Pereira Melo (2010), o que Santo Agostinho queria ensinar eram os limites que a linguagem possui para expressar a verdade.

Quando o ensina, cabe a ele julgar, com a verdade que possui em seu interior, a veracidade daquilo que foi dito e, a partir disso, verificar se considera o que foi dito correto e adequado, aprendendo:

Entretanto, quando tiverem explicado com palavras todas essas disciplinas que eles declaram ensinar, e as disciplinas da própria virtude e da sabedoria, então os que se dizem discípulos consideram consigo mesmos, se foram ditas coisas verdadeiras contemplando aquela verdade interior segundo as suas próprias forças. Então é quando aprendem (O Mestre, XIV, 45).

Portanto, as palavras levam o homem a buscar a verdade, mas ele só aprende quando confirma, com o seu conhecimento interior, aquilo que chegou até ele.

Nesse sentido, é necessário que o mestre estimule o discípulo pela busca da verdade, que instigue o seu discípulo a confirmar aquilo que lhe foi dito para que possa encontrar o conhecimento em seu interior.

É necessário ressaltar, também, o fato de os discípulos atribuírem aos mestres a responsabilidade pela aprendizagem em função de enxergarem o conhecimento no momento em que escutam suas palavras.

Agostinho aponta que, no momento que os discípulos escutam seus mestres, eles já estão aprendendo, pois se voltam para o seu interior, não havendo tempo entre a audição e cognição, por isso acreditam que aprendem por meio da fala do mestre exterior.

E quando tiverem descoberto interiormente que são verdadeiras as coisas que foram ditas, elogiarão seus mestres, ignorando que elogiam mais a homens instruídos que a mestres, se é que eles mesmos conhecem o que falam. Mas se enganam os homens ao chamar mestres aos que não o são, porque, na maioria das vezes, não existe nenhum intervalo de tempo entre o tempo da locução e o momento em que se trava conhecimento; uma vez que, após a exortação do que fala, os discípulos logo aprendem interiormente, julgam ter aprendido exteriormente daquele que ensinou (O Mestre, XIV, 45).

Assim, da mesma forma que o discípulo, o mestre terreno se encontra na posição de ensinado e não, apenas, na posição de quem ensina. Isso ocorre, segundo GILSON (2006), porque a verdade, que é comum a ambos, ao instruí-los igualmente, faz com que concordem. O ponto que se diferencia é o fato do mestre já ter enxergado a verdade interior e o discípulo não; por isso, o mestre faz o uso das palavras para auxiliar os discípulos a chegarem à mesma posição.

Contudo, apesar de visualizar algumas verdades em seu interior, o mestre deve continuar, de forma contínua, a sua busca em direção a Deus, à felicidade suprema, lembrando que essa busca só teria fim na contemplação eterna.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Agostinho de Hipona foi um pensador fundamental em seu tempo e fez-se presente nos períodos que o sucederam, sendo que sua influência pode ser percebida na contemporaneidade, por meio do magistério cristão.

Seus escritos possuem relação com o período em que foi produzido; entretanto, não se limita apenas a esse período. Ao tratar dos problemas vivenciados pela sociedade de sua época, Agostinho apresenta aspectos que não se limitam apenas àquele período histórico, embora seus escritos sejam resultado das transformações pelas quais a sociedade passava na época.

Mesmo que Santo Agostinho não tenha se preocupado em elaborar uma proposta educativa sistematizada, a sua preocupação com a formação do homem cristão fez com que ele pensasse em uma forma adequada para prepará-lo à nova ordem social inaugurada com o cristianismo. Disso, resultou um pensar formativo e educativo que se encontra fragmentado por toda a sua obra.

Nesse processo de pensar a formação do homem cristão, destaca a sua preocupação em entender o uso das palavras, pois, para ele, sabendo-as utilizar adequadamente, favoreceria o ensino-aprendizagem, ou seja, resultaria em uma melhor formação do homem que se pretendia cristão. Nesse exercício, Agostinho elaborou uma concepção de palavras, onde elas não ensinam no processo ensino-aprendizagem, só acontecendo uma comunicação através dos signos.

Em relação ao mestre terreno, para que este possa realizar sua tarefa formativa de forma adequada, também é preciso saber a forma como fazer isso, ou seja, como se comunicar com seus discípulos para que a instrução não se torne motivo de descontentamento para os envolvidos nesse processo.

## **REFERÊNCIAS**

AGOSTINHO, Santo. **A Instrução dos Catecúmenos: teoria e prática da catequese**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

AGOSTINHO, Santo. **A Predestinação dos Santos**. São Paulo: Paulus, 1999. (Patrística, 13).

AGOSTINHO, Santo. **A Verdadeira Religião**. São Paulo: Paulinas, 1992.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. São Paulo: Nova Cultural, 1999

AGOSTINHO, santo. **O Mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

- SANTO AGOSTINHO. **Solilóquios**. São Paulo: Paulus, 1998b.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- GILSON, E. **A Filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- GILSON, E. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.
- HAMMAN, A. **Os Padres da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1990.
- MARROU, H-I. **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: E.P.U.-Edusp, 1974.
- MORESCHINI, C.; NORELLI, E. **História da literatura cristã antiga grega e latina** (II - do Concílio de Nicéia ao início da Idade Média). Tomo II. São Paulo: Loyola, 2000.
- NUNES, R. A. C. Santo Agostinho e a educação. In: \_\_\_\_\_. **História da Educação na Antiguidade Cristã**. São Paulo: EPU, 1978.
- PEREIRA MELO, J. J. A educação em Santo Agostinho. In: OLIVEIRA, T. (Org.). **Luzes sobre a Idade Média**. Maringá: EDUEM, 2002a.
- \_\_\_\_\_. **Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 409-434, jul/dez 2010.
- PIRATELI, M. R. De **Aurélio Agostinho a Santo Agostinho de Hipona**. 2013. Acesso em: 31 de Out. de 2017. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/viewFile/2187/1366>
- SANTOS, J. O.; PINA, A. A. de. "Notas". **Santo Agostinho**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.